



"A vida inventa! A gente principia as coisas, no não saber por que, e desde aí perde o poder de continuação — porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada."

Fotos de arquivo

**O ESCRITOR**

em sua posse na ABL e posando com o gato; abaixo, José Luís, irmão de Guimarães Rosa



Leonardo Aversa

Casos e CAUSOS

Médico, diplomata, fluente em muitos idiomas e dono de uma erudição singular, Guimarães Rosa era fascinado pela simplicidade do homem comum.

O escritor teve sua trajetória marcada por vários casos curiosos, profecias e anedotas, frutos de sua personalidade ímpar

Paulo Thiago de Mello

No meio literário circula uma anedota acerca do primeiro encontro entre João Guimarães Rosa e o poeta Manoel de Barros, em junho de 1953. Encantado com a forma original como o poeta se expressava, Rosa anotava o que ele dizia sobre os pássaros, a paisagem e a vida pantaneira em sua caderneta de campo. A certa altura, incomodado com aquele anotar constante, Barros passou a dar respostas monossilábicas. Depois que Rosa foi embora, o poeta virou-se para um interlocutor e disse:

— Quando senti que ele me especulava, me empedrei.

Se isto é verdade, não se sabe. Provavelmente não, uma vez que, longe da desconfiança, Manoel de Barros é um fã incondicional do autor de "Grande sertão: veredas", a quem acompanhou até Corumbá numa viagem de vapor, "por impulso de admiração". Ao escrever certa vez sobre essa viagem, Barros afirmou: "Nossa conversa era desse feitio. Ele inventava coisas de Cordisburgo. Eu inventava coisas do Pantanal." E acrescentou: "Eu fabricava coragem para puxar uma prosa com aquele João."

Para Rosa, além do cuidado especial com o texto e a constante leitura, o manancial inspirador de sua literatura brotava de encontros e viagens como essa. No contato com o outro, o confronto com sua personalidade singular gerava "causos" e anedotas. O interesse de Rosa por aquele universo rural chegava a espantar os que o cercavam. Certa feita, Manuelzão — vaqueiro amigo e personagem de suas histórias — disse, assombrado, que o escritor afirmara querer estar dentro de um bovino para captar a essência daquele ruminar.

De acordo com aqueles que conviveram com ele, Rosa era movido por duas forças: a palavra e uma inquietação metafísica, mais mística do que religiosa. Médico de formação, diplomata, fluente em 13 idiomas (há controvérsias sobre o número, que poderia ser até maior) e extremamente erudito, ele era, apesar de tudo, bastante simples no convívio. Tinha suas manias e cismas e era dado a conversas com qualquer pessoa, em especial com aquelas mais humildes, cujas formas de expressão e universo cognitivo lhe instigavam a imaginação, inspirando-o para suas "estórias".

Em 1952, Rosa acompanhou um grupo de vaqueiros que levava uma boiada entre duas fazendas, e anotava absolutamente tudo em suas famosas cadernetas, dos nomes de pássaros às falas dos vaqueiros. Ele fazia perguntas de cunho filosófico a aqueles homens simples e anotava cuidadosamente suas respostas — conta Izabel Aleixo, editora da Nova Fronteira e especialista na obra de Guimarães Rosa. — Ele tinha verdadeiro fascínio por aquele mundo, de onde tirou o material para sua obra.

José Luís Guimarães Rosa, irmão do escritor, lembra, emocionado, sua devoção às palavras:

— A expressão mágica para meu irmão era "ave palavra!". Sempre achei que acima do roteiro de suas histórias estava a palavra. A palavra prevalecia. Há contos em que ele vem descrevendo e, de repente, como que fugindo à narrativa, pára numa vírgula e, entre vírgulas, põe palavras avulsas para prestigia-las.

José Luís lembra ainda que outro aspecto crucial da vida de João, como os familiares o chamavam, era sua angústia em relação ao tempo, sobretudo depois que o escritor deparou-se com a previsão que determinava que ele morreria logo após uma grande festa em sua homenagem. Seguro da precisão daquela profecia, Rosa adiou a cerimônia de posse na Academia Brasileira de Letras (ABL) por vários anos.

— A profecia foi um calvário para ele — diz José Luís. — Não sei quem fez, talvez uma cigana lendo a sua mão. Isso influenciou bastante, porque ele era muito crente. Acreditava no imponderável, nas coisas divinas, nas profecias.

Após esse episódio, lembra o irmão, o tempo para Rosa encurtou. Ele pressentia que o fim estava próximo e se angustiava com a possibilidade de não terminar tudo o que estava escrevendo. Por isso, trabalhava horas a fio todos os dias, religiosamente. Por fim, a profecia se cumpriu: três dias após a posse na ABL, Rosa morreu.

— A última vez que fui visitá-lo no Itamaraty, ao entrar em seu gabinete o vi no meio da sala, com um terço na mão, rezando — afirma o irmão. — Percebi sua angústia e compreendi que deveria alegrá-lo. Então me dirigi a ele e o abracei e conversei coisas amenas para reintegrá-lo à sua habitual alegria.

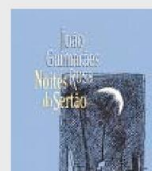
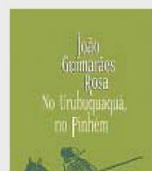
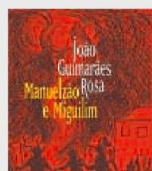
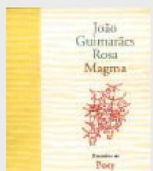
Mas nem todas as profecias que atravessaram a vida de Rosa tinham um teor trágico. Quando estava no início do ofício de escritor, enviou, com pseudônimo, os contos de "Sagarana" a um concurso no qual ficou em segundo lugar. No entanto, Graciliano Ramos, que participava do júri, ficou impressionado com as histórias e previu que aquele escritor estremeria a literatura brasileira.

Agnes Guimarães Rosa do Amaral, uma de suas filhas, lembra da fase inicial do namoro de Rosa e sua mãe, Lígia Cabral Pena, a dona Lili, primeira mulher do escritor:

— Ele fazia medicina e conheceu minha mãe, que era estudante. Todos os dias ia à Escola Normal na hora da saída e, ao se encontrar com ela, dizia: "Que coincidência". E a cena se repetiu tanto, a ponto de as colegas de minha mãe afirmarem ao avistá-lo se aproximando: "A coincidência já chegou."

Agnes diz que a emoção que o personagem Miguelim sentiu ao usar óculos pela primeira vez aconteceu de fato com seu pai, cujos primeiros óculos foram comprados de um mascate, quando ele era menino. Talvez seja o milagre de nitidez daquela experiência que tenha levado Rosa a expressar o desejo de ser enterrado com seus óculos. ■

ESTANTE





AS OBRAS de Guimarães Rosa passaram a ser publicadas nos anos 80 pela Nova Fronteira, que mantém ao alcance do público títulos como "Magma" (livro de poemas), "Sagarana" (1946), "Manuelzão e Miguilim", "No Urubuquaquá, no Pinhém" e "Noites do sertão" (três novelas que compõem "Corpo de baile" e que a partir da edição portuguesa de 1963 passaram a ser publicadas em volumes independentes). Por conta de seus respectivos aniversários, "Sagarana" (60 anos) e "Corpo de baile" (50 anos) também ganharão edições de luxo em 2006. Já "Primeiras estórias", que tem entre seus contos "A terceira margem do rio", foi reeditada no fim do ano passado num lote de obras importantes que marcam os 40 anos da Nova Fronteira e ganhou prefácio de Alberto da Costa e Silva.

